

# Paínho-de-Monteiro: uma nova espécie de uma velha ave

Verónica Neves

**P**artilhamos o planeta com milhares de outras espécies, tantas que talvez nunca cheguemos a conhecê-las todas. Até hoje foram classificadas e descritas quase 1,8 milhões de espécies de diferentes animais, plantas e micro-organismos. Pode parecer-nos muito, mas é muito pouco, sobretudo se tivermos em conta que os cientistas estimam a existência de 5 a 50 milhões de espécies. Na melhor das hipóteses conhecemos 20 por cento das espécies que habitam a terra, mas, no limiar da nossa ignorância, podemos desconhecer actualmente mais de 95 por cento das espécies vivas.

A grande maioria das espécies que estão por descobrir incluiu-se no grupo dos invertebrados, isto é, organismos como os ouriços-do-mar, as borboletas ou os caracóis que são desprovidos de coluna vertebral. Note-se que os invertebrados constituem mais de 95 por cento de todas as espécies animais conhecidas. De entre os vertebrados, as aves incluem cerca de 9.600 espécies e constituem um dos grupos mais bem estudados, pelo que não é de estranhar que, hoje em dia, a descoberta de uma nova espécie constitua um acontecimento raro.

Mas, o que é exactamente uma espécie? Uma das principais e mais aceites definições de espécie foi dada em 1942 por Ernst Mayr: “Espécies são grupos de populações naturais que se cruzam entre si real ou potencialmente e que estão reprodutivamente isoladas de outros grupos deste tipo.” O isolamento reprodutor é, assim, o principal ingrediente no processo de aparecimento de novas espécies. Mas se o conceito de espécie actualmente aceite é relativamente recente, a ideia de espécie já acompanha a humanidade há bastante mais tempo.

Este ano celebram-se os 250 anos da publicação da 10ª edição de um livro muito especial: o *Systema Naturae* de Carl Linnaeus. Em

1758 o cientista Sueco desenvolveu um sistema binomial de classificação dos organismos vivos. Binomial porque composto por duas palavras, uma que caracteriza o género e outra que caracteriza a espécie. Um género é composto por uma ou mais espécies semelhantes e uma espécie é a unidade básica de classificação biológica, baseando-se tradicionalmente na similaridade anatómica entre organismos, mas não só. O nome científico de uma espécie é dado em latim (por vezes também são utilizados vocábulos gregos), permitindo assim que cada espécie tenha um único nome no mundo inteiro, sendo facilmente reconhecida por pessoas que falam línguas diferentes e evitando as confusões que resultam dos nomes comuns. A classificação engendrada por Linnaeus permitiu “arrumar” os organismos vivos em reinos, filos, classes, ordens, famílias, géneros e espécies.

Durante o ano que vem, celebram-se também os 200 anos do nascimento de Charles Darwin e os 150 anos da publicação da *Origem das Espécies*.

Nos Açores eram conhecidas nove espécies de aves marinhas nidificantes, mas recentemente uma nova espécie foi descrita e adicionada à lista que agora atingiu a dezena. Novas espécies surgem através de alopatria (quando são devidas ao isolamento geográfico) e através de simpatria (quando a especiação ocorre entre espécies que partilham a mesma área geográfica). É esse o caso do Paínho-de-Monteiro agora descrito, uma espécie que evoluiu em simpatria com o Paínho-da-Madeira, também conhecido nos Açores como Angelito ou Melro-da-baleia.

Os paínhos ou petréis são conhecidos na língua inglesa como *storm-petrels*, isto é, petréis-das-tempestades. Pertencem à ordem dos Procellariiformes, a mesma das cagaras, e à família Hydrobatidae que inclui as mais leves e pequenas espécies de aves marinhas. Estas aves possuem longos tarsos e, ao contrário das cagaras, não os esti-

cam e escondem sob as penas do ventre quando se alimentam. Pelo contrário, deixam os tarsos caídos e perpendiculares ao corpo e voam tão perto de água que quase parecem caminhar à superfície. Julga-se que esta característica talvez tenha estado na origem da palavra ‘petrel’, inspirada no nome do santo que, diz a metáfora, um dia caminhou sobre as águas do mar da Galileia: Pedro.

São actualmente conhecidas mais de 20 espécies da família Hydrobatidae que se distribuem por todos os oceanos do planeta. Estas aves são altamente pelágicas e apenas vêm a terra para se reproduzir. Estas pequenas aves são muito sensíveis a predadores e, como tal, nidificam apenas em locais livres de ratos e outros mamíferos carnívoros. Nos Açores, as colónias são relativamente pequenas, quase nunca acima da centena de casais, mas no Canadá, por exemplo, algumas ilhas possuem colónias de milhões de aves, como é o caso do Paínho-de-cauda-furcada (*Oceanodroma leucorhoa*).

O nome científico do Paínho-da-Madeira é *Oceanodroma castro* e o nome científico da nova espécie agora descrita é *Oceanodroma monteiroi* ou Paínho-de-Monteiro. As designações vernaculares — “de-Monteiro” — e científica — *monteiroi* — perpetuarão assim a memória do investigador Luís Rocha Monteiro que tanto contribuiu para a descoberta e conservação desta espécie.

Foi na década de noventa, nas campanhas de campo conducentes ao seu doutoramento pela Universidade de Glasgow, que surgiram as primeiras suspeitas. Nessa altura, o Doutor Luís Rocha Monteiro visitou todas as ilhas e ilhéus dos Açores e recolheu amostras das diferentes espécies para examinar as concentrações de mercúrio e investigar a possibilidade de utilizar as Aves Marinhas como Indicadores da Contaminação por Mercúrio no Atlântico Português. Paralelamente ao tema principal do seu doutoramento recolheu um



Paínho-de-Monteiro ao largo da ilha Graciosa

Foto: Kilian Mullarney

vasto leque de informação sobre a comunidade de aves marinhas dos Açores, até então muito pouco estudada, e contribuiu de forma ímpar para o conhecimento actualmente existente. Luís R. Monteiro foi o primeiro a detectar a existência de duas populações de paínho nos Açores, a de época fria que nidifica no Inverno e a de época quente que nidifica no Verão. Foram essas descobertas que agora culminaram na descrição de uma nova espécie na revista inglesa *Ibis*. Para além do conhecimento científico e dos artigos que escreveu, Luís R. Monteiro trabalhou activa e empenhadamente para a protecção real e efectiva das colónias e populações de aves marinhas.

À vista desarmada as duas espécies de paínho são difíceis de distinguir mas, quando nos servimos da tecnologia para detectar o que os nossos olhos não vêem, as diferenças são muitas e significativas: diferenças genéticas, diferenças nos cantos e chamamentos, nas épocas de muda, na morfometria, no comportamento alimentar, na dieta e, consequentemente, nas concentrações de mercúrio que acumulam no seu organismo.

O Paínho-de-Monteiro é endémico dos Açores, isto é, nidifica exclusivamente nas ilhas deste arquipélago e estima-se que a popu-

lação tenha apenas entre 250 e 300 casais. O Paínho-de-Monteiro é, pois, uma das mais raras e ameaçadas aves do mundo e é urgente a sua conservação. Entre 2000 e 2003, o Departamento de Oceanografia e Pescas, através do investigador Mark Bolton, criou no ilhéu da Praia (Graciosa) 151 ninhos artificiais. A taxa de ocupação destas estruturas foi elevada e o sucesso reprodutor do Paínho-de-Monteiro aumentou consideravelmente. Dado o reduzido tamanho da população mundial é fundamental continuar a trabalhar activamente no terreno para a conservação desta espécie.

Possa a descoberta e descrição do Paínho-de-Monteiro despertar em todos a vontade de proteger e conhecer melhor as aves marinhas dos Açores. Afinal, esta nova espécie é um velho habitante destas ilhas e já conhece os mares e as tempestades dos Açores há pelo menos 70 000 anos. Um presente para Linnaeus, para Darwin e para nós.

veronicaneves@uac.pt

## Referências obrigatórias:

Bolton M, Smith A L, Gómez-Díaz E, Friesen V L, Medeiros R, Bried J, Roscales J L & Furness R W (2008). Monteiro's Storm-petrel *Oceanodroma monteiroi*: a new species from the Azores. *Ibis*, 150: 717-727. [O artigo científico que contém a descrição oficial do Paínho-de-Monteiro]

Onley D & Scofield P (2007). Albatrosses, Petrels and Shearwaters of the World. Christopher Helm Editions, 240pp. [Um excelente guia de identificação dos Procellariiformes do Mundo, o mais actualizado que existe, apesar de não incluir, ainda, o Paínho-de-Monteiro]

Robb M, Mullarney K & The Sound Approach (2008). Petrels night & day, a sound approach guide, 2 CDs, 300pp. [Um magnífico guia dos cantos e vocalizações de 23 espécies de Procellariiformes do Paleártico Oeste; contém fotografias, ilustrações, vocalizações e chamamentos do Paínho-de-Monteiro].